

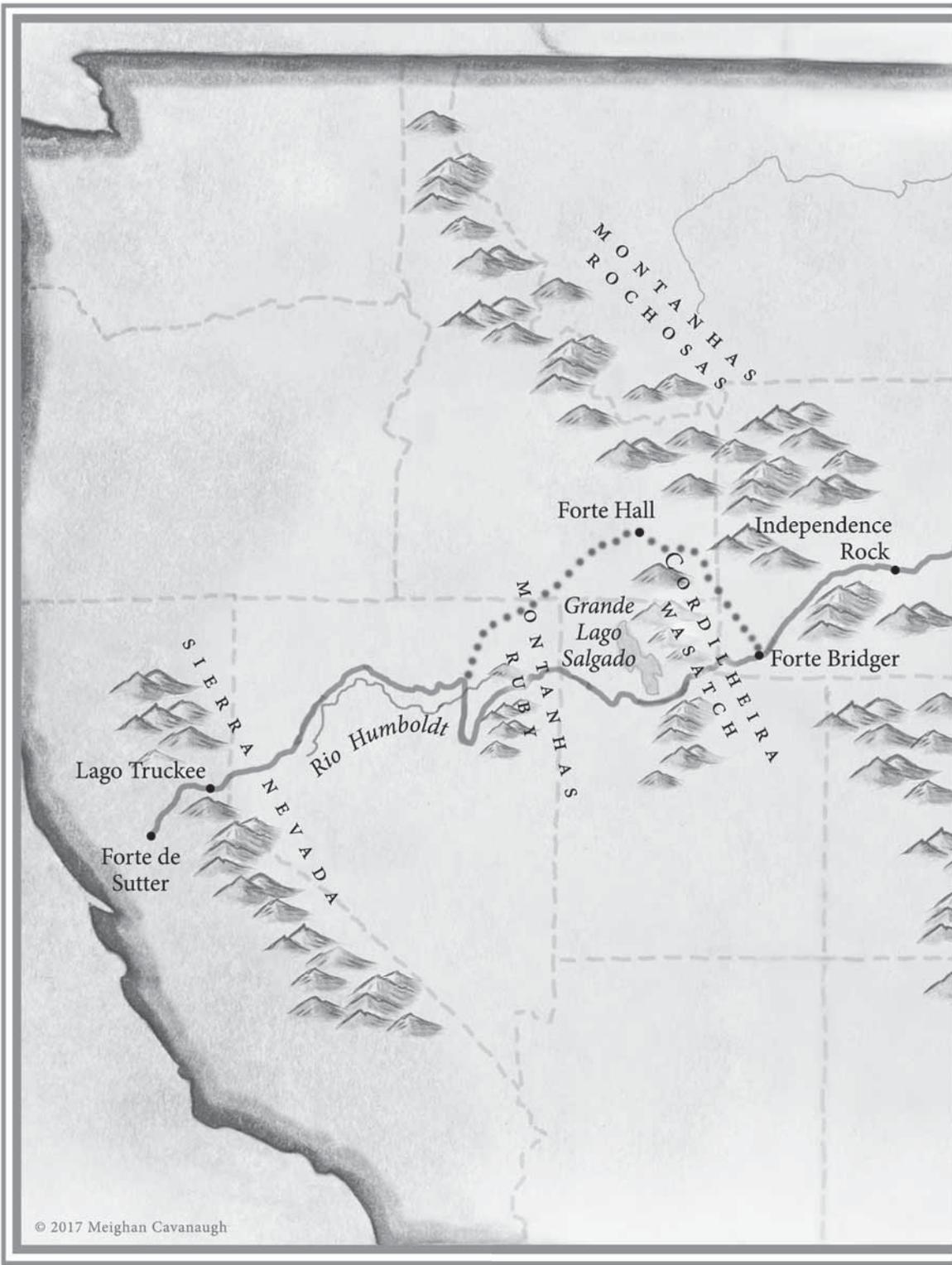
a fome alma katsu

Tradução de Renato Carreira



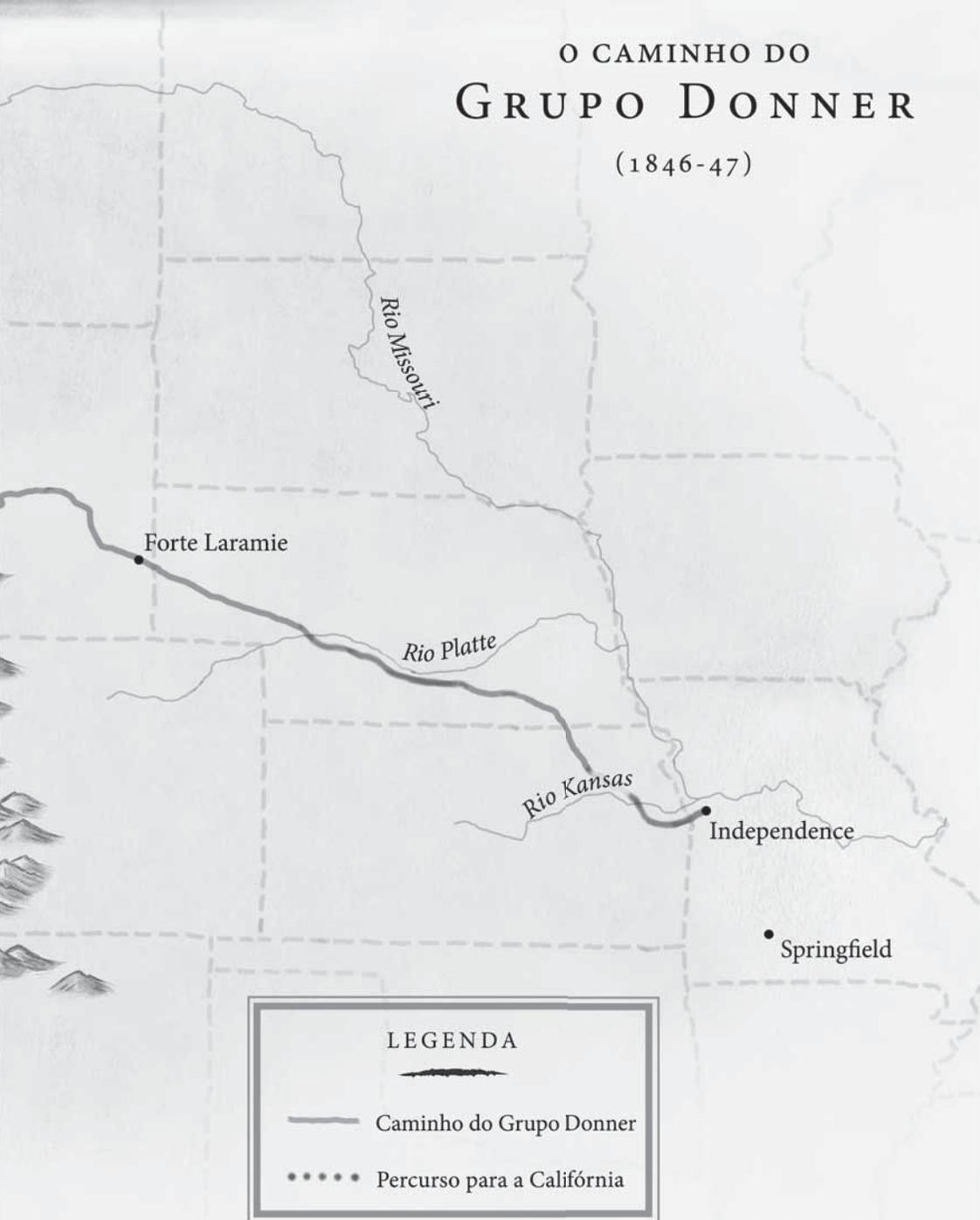
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Bruce, o meu marido



O CAMINHO DO GRUPO DONNER

(1846-47)



LEGENDA

-  Caminho do Grupo Donner
-  Percurso para a Califórnia

PRÓLOGO

Abril 1847

Todos concordaram que tinha sido um inverno mau, um dos piores de que havia memória. Suficientemente mau para forçar algumas das tribos índias, paiutes e miwoks, a descerem da montanha. Não havia caça e a inquietação da fome notava-se nos seus movimentos, deixando acampamentos estéreis cheios de fogueiras negras extintas e sem cheiro atrás deles, como olhos escuros na terra.

Alguns paiutes disseram mesmo que tinham visto um branco louco que conseguira sobreviver àquele inverno medonho, deslizando sobre o lago gelado como um fantasma.

Teria de ser o homem deles: um sujeito chamado Lewis Keseberg. O último sobrevivente conhecido da tragédia do Grupo Donner. O grupo de resgate tinha sido enviado para encontrar Keseberg e para o trazer vivo, se fosse possível.

Abril ia a meio e a neve chegava ao peito dos cavalos. A equipa teve de os abandonar num rancho local e percorrer o resto do caminho a pé.

Demoraram três dias a chegar ao lago depois de alcançarem o cume... frio, ventoso e desolado. A primavera significava lama em grande quantidade, mas, em altitudes maiores, ainda era inverno e o chão cobria-se com um grosso tapete branco. Era neve em que não se podia confiar. Escondia fissuras e quedas a pique. A neve guardava segredos. Pensava-se que se pisava terreno firme, mas era uma questão de tempo até uma saliência ceder sob os pés.

A descida foi ainda mais dura do que esperavam, com a neve movendo-se com cada passo, húmida e escorregadia, repleta de um qualquer desejo remoto de tragar o grupo inteiro.

Quanto mais se aproximavam do lago, maior era a escuridão. As árvores tornaram-se tão altas que ocultavam os cumes das montanhas e bloqueavam totalmente o Sol. Percebia-se que a neve caíra em enorme quantidade pelos danos nas árvores: ramos partidos e casca arranhada até uma altura de dez, quinze metros. O silêncio junto ao lago era ameaçador. Não se ouvia qualquer som, nem canto de pássaros, nem o chapinhar de aves aquáticas aterrando no lago. Nada além do som dos seus passos e respiração forçada e do estalar ocasional de neve que derretia.

A primeira coisa que notaram quando viram a névoa do lago foi o fedor. O local inteiro cheirava a carniça. O fedor intenso a carne putrefacta misturava-se no ar com o odor a pinheiro, atormentando a respiração enquanto o grupo se aproximava da margem. O cheiro a sangue, com a sua sugestão de ferro, parecia vir de todas as direções, do solo, da água e do céu.

Tinha-lhes sido dito que os sobreviventes viviam numa cabana abandonada e em dois abrigos, um deles construído contra um grande penedo. Encontraram rapidamente a cabana enquanto seguiam junto à margem do lago, coberta por um nevoeiro pachorrento. Erguia-se isolada numa pequena clareira. Estava inegavelmente deserta e, apesar disso, não conseguiam libertar-se da sensação de não estarem sozinhos, de que alguém os esperava no interior, como se estivessem num conto de fadas.

A apreensão pareceu espalhar-se pelo grupo inteiro. Aquele odor pouco natural no ar enervava-os. Aproximaram-se lentamente da cabana, com as espingardas apontadas.

Vários objetos inesperados jaziam sobre a neve: um livro de orações de bolso, com a fita marcadora de páginas esvoaçando com a brisa.

Dentes espalhados.

O que parecia uma vértebra humana, limpa de carne.

A apreensão subiu-lhes à garganta e instalou-se atrás dos olhos. Alguns deles recusaram continuar. A porta da cabana estava diretamente à sua frente, com um machado encostado à parede a seu lado.

A porta abriu-se sozinha.

A black and white photograph of a landscape. In the foreground, there is a grassy field. In the middle ground, a hillside covered in a dense forest of evergreen trees rises. The sky is filled with large, soft clouds. The overall tone is serene and natural.

J U N H O

1 8 4 6

CAPÍTULO UM



Para Charles Stanton, não havia nada como uma barba bem feita. Erguia-se naquela manhã diante do grande espelho preso à carroça de James Reed. Em todas as direções, a pradaria alongava-se como um cobertor, ocasionalmente ondulada pelo vento: quilómetro após quilómetro ininterrupto de feno, apenas com a coluna vermelha de Chimney Rock erguendo-se como uma sentinela à distância. Se semicerrasse os olhos, a caravana parecia um conjunto de brinquedos de criança espalhados sobre a vastidão interminável da vegetação rasteira. Frágil, insignificante, inconsequente.

Virou-se para o espelho e segurou com firmeza a navalha sob o maxilar, recordando uma das expressões preferidas do seu avô: «Um homem malvado esconde-se atrás de uma barba, como Lúcifer.» Stanton conhecia bastantes homens que se contentavam com uma faca bem afiada. Alguns usavam mesmo uma machada, mas, para ele, apenas uma navalha reta serviria. Não o perturbava sentir o metal frio contra o pescoço. Na verdade, agradava-lhe.

— Não esperei que fosses um homem vaidoso, Charles Stanton — disse uma voz vinda de trás —, mas, se não te conhecesse, talvez pensasse que te admiras ao espelho. — Edwin Bryant aproximou-se dele com uma caneca de lata cheia de café na mão. O sorriso esmoreceu rapidamente. — Sangras.

Stanton olhou para a navalha. Estava riscada de vermelho. No espelho, via uma linha escarlate no pescoço, um corte de oito centímetros onde

encostara a ponta da navalha. A lâmina era tão afiada que não tinha sentido nada. Stanton puxou a toalha do ombro e pressionou-a sobre o ferimento.

— Ter-me-á escorregado a mão — disse.

— Senta-te — disse Bryant. — Deixa-me ver. Tenho alguma formação médica.

Stanton esquivou-se à mão erguida de Bryant.

— Estou bem. Não é nada. Um deslize. — Aquilo resumia bem a maldita viagem. “Deslizes” inesperados uns atrás dos outros.

Bryant encolheu os ombros.

— Se o dizes. Os lobos conseguem cheirar o sangue a três quilómetros de distância.

— Que posso fazer por ti? — perguntou Stanton. Sabia que Bryant não tinha percorrido a caravana apenas para conversar, não quando deviam preparar os animais para a partida. Em redor, desenrolava-se o caos habitual das manhãs. Os condutores pastavam os bois, com o solo tremendo sob o peso dos animais. Homens desmontavam tendas e carregavam-nas nas carroças ou apagavam fogueiras com areia. O ar enchia-se com o som de crianças gritando enquanto traziam baldes de água para beber e para as lavagens do dia.

Stanton e Bryant não se conheciam há muito tempo, mas não demoraram a desenvolver uma amizade. O grupo com que Stanton viajara antes (uma pequena caravana do Illinois composta maioritariamente por famílias Donner e Reed) juntara-se recentemente a um grupo muito maior comandado por um militar aposentado, William Russell, oriundo de Independence, Missouri. Edwin Bryant fora um dos primeiros elementos do grupo Russell a apresentar-se e pareceu gravitar até Stanton, talvez por serem ambos homens solteiros numa caravana cheia de famílias.

Edwin Bryant parecia ser o oposto de Stanton. Stanton era alto e forte sem tentar sê-lo. Fora elogiado pela sua boa aparência durante toda a vida. Herdara tudo da mãe, tanto quanto sabia. Tinha cabelo castanho-escuro forte e ondulado e olhos profundos.

«A tua cara é um dom do inferno para poderes tentar outros para o pecado.» Outra das máximas do seu avô. Certa vez, golpeou-lhe a cara com uma fivela, talvez esperando expulsar o diabo que nela via. Não funcionou. Stanton manteve os dentes todos e o nariz sarou. A cicatriz na testa esbateu-se. O diabo, tanto quanto sabia, permaneceu.

Bryant seria provavelmente dez anos mais velho. Anos como jornalista tinham-no deixado mais macio que a maioria dos homens na viagem, que

eram lavradores, carpinteiros ou ferreiros, homens que ganhavam a vida com trabalho físico árduo. Tinha vista fraca e precisava de óculos quase sempre. O cabelo estava perpetuamente despenteado, como se os seus pensamentos estivessem sempre ausentes. Mas era inegável a sua inteligência. Talvez fosse o homem mais inteligente do grupo. Admitiu ter passado alguns anos como aprendiz de médico quando era muito jovem, mas recusava ser o médico do grupo.

— Olha para isto. — Bryant pontapeou um tufo de vegetação no solo, levantando pó. — Reparaste? A erva está seca para esta altura do ano.

Há dias que viajavam por uma planície, com o horizonte alongando-se sobre a erva e a vegetação altas da pradaria. Flanqueando o trilho de ambos os lados, à distância, encontravam-se colinas arenosas misturando ouro e cor de coral que subiam e desciam, algumas tão finas como dedos apontando diretamente para o céu. Stanton agachou-se e puxou a erva. Cada folha era curta, não medindo muito mais de vinte centímetros, e tinham-se já tingido de um verde-acastanhado.

— Parece ter havido uma seca recente — disse Stanton. Ergueu-se, sacudindo o pó das mãos, olhando para o céu arroxeadado sobre o horizonte. A planície parecia alongar-se até ao infinito.

— E acabámos de entrar na planície — indicou Bryant.

Era óbvio o que pretendia dizer. Poderia não haver erva suficiente para alimentar os bois e o resto do gado. Erva, água, lenha: as três coisas de que uma caravana precisava.

— As condições são piores do que esperávamos e temos um longo caminho a percorrer. Vês aquela cordilheira à distância? É só o *início*, Charles. Há mais montanhas atrás daquelas. E deserto e pradaria e rios mais largos e profundos do que quaisquer outros que tenhamos atravessado até agora. Tudo isso entre nós e o Oceano Pacífico.

Stanton ouvira aquilo antes. Bryant pouco mais dissera desde que tinham encontrado a cabana de caçador em Ash Hollow, dois dias antes. A cabana vazia tinha sido transformada numa espécie de entreposto fronteiriço para os pioneiros que atravessavam a planície e tinham começado a deixar ficar cartas para que os viajantes seguintes em direção a leste as levassem até um posto dos correios real para envio. Muitas destas cartas eram simples pedaços de papel dobrado deixados sob uma pedra com a esperança de alcançarem eventualmente o destinatário pretendido nas suas cidades de origem.

Stanton sentira-se estranhamente consolado por ver todas aquelas

cartas. Pareciam uma prova do amor dos viajantes pela liberdade e do seu desejo de melhores oportunidades a qualquer custo. Mas Bryant ficou agitado. «Olha para estas cartas todas. Serão dúzias delas. Talvez uma centena. Os colonos que as escreveram vão adiantados no trilho. Somos quase os últimos a passar nesta estação e sabes o que isso significa, não sabes?», perguntara a Stanton. «É possível que seja demasiado tarde. Os desfiladeiros montanhosos estarão fechados pela neve quando o inverno chegar e o inverno chega mais cedo em altitudes elevadas.»

— Paciência, Edwin — dizia agora Stanton. — Mal deixámos Independence para trás...

— Mas junho já vai a meio. Avançamos muito devagar.

Voltando a colocar a toalha sobre o ombro, Stanton olhou em redor. O Sol erguera-se há horas e ainda não tinham levantado o acampamento. A toda a volta, havia famílias terminando ainda o pequeno-almoço sobre os restos das suas fogueiras. Mães embalavam bebés nos braços enquanto trocavam mexericos. Um rapaz brincava com um cão em vez de trazer do campo os bois da família.

— Consegues censurá-los numa manhã tão bela? — perguntou, distraidamente. Após semanas de viagem, ninguém sentia vontade de enfrentar mais um dia. Metade dos homens apenas tinham pressa quando chegava o momento de trazer o jarro de cerveja. Bryant limitou-se a franzir a testa. Stanton esfregou a nuca. — Seja como for, é com o Russell que deves falar.

Bryant fez uma careta enquanto se baixava para voltar a erguer a caneca de café.

— Falei disto ao Russell e concorda, mas não faz nada. Não consegue dizer não a ninguém. No início da semana, se bem te lembras, deixou aqueles homens partirem numa caçada ao bisonte e a caravana ficou dois dias parada para fumar e secar a carne.

— Talvez nos sintamos gratos por essa carne mais à frente.

— Garanto-te que veremos mais bisontes. Mas não recuperaremos esses dias.

Stanton percebia que as palavras de Bryant faziam sentido e não quis discutir.

— Ouve. Irei contigo esta noite e falaremos juntos com o Russell. Fá-lo-emos perceber que o assunto é sério.

Bryant abanou a cabeça.

— Estou cansado de esperar. Foi isso que vim dizer-te. Vou deixar a caravana. Alguns dos homens avançarão a cavalo. Com a caravana, será

demasiado lento. Compreendo porque os homens de família precisam das carroças. Têm crianças pequenas e precisam de transportar os velhos e os doentes. E têm de zelar pelos seus bens. Não os censuro, mas também não ficarei refém deles.

Stanton pensou na sua carroça e na sua junta de bois. Quase lhe tinham custado todo o dinheiro da venda da sua loja.

— Compreendo.

Os olhos de Bryant brilhavam atrás dos óculos.

— O cavaleiro que se juntou a nós na noite passada contou-me que os washoe continuam a sul das suas pastagens habituais, a umas duas semanas de viagem pelo trilho. Não posso correr o risco de os perder. — Bryant considerava-se um antropólogo amador e escrevia, supostamente, um livro sobre as crenças espirituais das várias tribos. Conseguia falar durante horas sobre lendas índias: animais falantes, deuses trapaceiros, espíritos que pareciam habitar a terra, o vento e a água. E mostrava-se tão entusiasmado que alguns dos colonos tinham começado a desconfiar dele. Por mais que Stanton apreciasse as histórias de Bryant, sabia que amedrontariam cristãos criados unicamente com histórias da Bíblia, incapazes de compreender como um homem branco podia sentir-se profundamente fascinado por crenças nativas.

— Sei que estas pessoas são tuas amigas. Mas, por amor de Deus — continuou Bryant. Quando um tema o excitava, era difícil fazer com que o abandonasse. — Que lhes fez pensar que conseguiriam trazer as suas casas inteiras consigo para a Califórnia?

Stanton não conseguiu evitar um sorriso. Sabia, claro, a que Bryant se referia. A enorme e personalizada escuna das pradarias de George Donner. Deu que falar em Springfield quando foi construída e passou a animar conversas na caravana inteira. A carroça fora elaborada com alguns metros adicionais para ter espaço para um banco corrido e para uma zona de carga coberta. Tinha até um pequeno fogão com a chaminé passando por um buraco na cobertura de pano.

Bryant apontou com a cabeça o acampamento dos Donner.

— Como esperam eles passar as montanhas com uma coisa daquelas? É um mastodonte. Nem quatro juntas de bois chegarão para a puxarem pelas encostas íngremes. E para quê? Para transportar a Rainha de Sabá em conforto. — No pouco tempo passado desde que o contingente de Springfield se juntara ao grupo Russell mais numeroso, Edwin Bryant tinha desenvolvido uma antipatia ardente por Tamsen Donner e isso era

suficientemente claro. — Já viste o interior da coisa? É como a barca de ócio de Cleópatra, com o seu colchão de penas e as suas sedas. — Stanton sorriu. Os Donner não dormiam no interior. A sua carroça estava carregada com objetos domésticos, incluindo roupa de cama, tal como qualquer outra carroça. Bryant era um pouco dado a exageros indignados. — Pensei que George Donner fosse um tipo esperto. Aparentemente, não é.

— Podes culpá-lo por querer tornar a mulher feliz? — perguntou Stanton. Queria pensar em George Donner como um amigo, mas não podia fazê-lo por conhecer as suas ligações.

Naquele momento, para piorar as coisas, custava-lhe afastar o olhar da mulher de Donner. Tamsen Donner era uns vinte anos mais nova que o marido e era encantadoramente bela, possivelmente a mulher mais bela que Stanton alguma vez vira. Era como uma daquelas bonecas de porcelana que se veriam numa loja de costureiro, vestindo miniaturas das últimas modas francesas. Tinha um brilho astuto nos olhos que o atraía e uma cintura minúscula, tão pequena que um homem conseguiria rodeá-la com as duas mãos. Várias vezes, precisou de se impedir de pensar como seria tocar aquela cintura com as suas mãos. Era um mistério para Stanton como George Donner tinha conquistado uma mulher daquelas. Calculou que o dinheiro teria tido alguma influência.

— Alguns de nós partem amanhã — disse Bryant, baixando a voz. — Porque não vens connosco? És um homem independente, sem preocupações com família. Assim, poderás chegar mais depressa... ao sítio para onde vais.

Era evidente que Bryant voltava a pescar informação, tentando descobrir o que fazia Stanton viajar para oeste. A maioria das pessoas discutia o assunto de bom grado. Bryant sabia que Stanton tinha sido proprietário de uma mercearia e uma casa em Springfield, mas não partilhara com ele, nem com ninguém, porque decidira deixar tudo isso. O seu sócio, o que tinha visão empresarial, morrera de repente, deixando Stanton a gerir a loja sozinho. Tinha cabeça para esse tipo de coisa, mas não o temperamento para servir a torrente interminável de clientes, regateando com os que não gostavam dos seus preços e tentando manter as prateleiras abastecidas com produtos que apelassem aos cidadãos de Springfield, vizinhos que mal conhecia e que, certamente, não compreendia (Águas-de-colónia exóticas? Fitas de seda garrida?). Foram tempos solitários e, sem dúvida, um dos motivos para deixar Springfield.

Mas não o único.

Stanton decidiu apresentar obstáculos.

— Que faria com a carroça e os bois? Não posso abandoná-los no trilho.

— Não precisarias de o fazer. De certeza que encontrarias alguém no grupo que os comprasse. Ou poderias contratar um dos condutores para se ocupar da tua carroça e para a levar até à Califórnia.

— Não sei — disse Stanton. Ao contrário de Bryant, não o incomodava viajar com famílias, com o ruído das crianças e a conversa aguda das mulheres pelo trilho fora. Mas havia mais que isso.

— Dá-me tempo para pensar — disse.

Nesse momento, um homem a cavalo aproximou-se a galope, com a sua chegada anunciada por uma nuvem de pó. George Donner. Uma das suas funções era fazer a caravana partir todas as manhãs. Normalmente, ocupava-se desse dever com alegria, dizendo às famílias que levantassem os acampamentos e prendessem os bois às carroças para a grande caravana poder retomar o caminho. Mas, naquela manhã, a sua expressão era severa.

Stanton acenou brevemente a Donner. Chegara o momento de partir, finalmente.

— Estava prestes a atrelar os bois... — começou, mas Donner interrompeu-o.

— Não vamos já — disse, gravemente. — Houve um problema mais à frente.

Um tremor de incerteza abalou Stanton, mas conteve-o.

Bryant ergueu para ele olhos semicerrados.

— Devo ir buscar o estojo médico?

George Donner moveu-se sobre a sela.

— Não é esse tipo de problema. Um rapazinho desapareceu. Não estava na tenda hoje de manhã quando os pais vieram acordá-lo.

Stanton sentiu-se imediatamente aliviado.

— As crianças costumam deambular...

— Pelo caminho, sim. Mas não durante a noite. Os pais ficarão aqui para procurar o filho. Alguns dos outros ficam também para ajudar.

— Procuram mais voluntários? — perguntou Stanton.

Donner voltou a abanar a cabeça.

— Têm gente mais que suficiente. Depois de tirarem as carroças do trilho, a caravana seguirá viagem. Mantenham-se atentos a indícios do rapaz. Queira Deus que apareça em breve.

Donner voltou a partir, deixando um rasto de pó. Se a criança se tinha

afastado durante a noite, era pouco provável que os pais voltassem a vê-la. Um rapazinho poderia ser engolido naquela vastidão, com o vazio incessante que se alongava em todas as direções e com os horizontes que faziam vergar até o sol.

Stanton hesitou. Talvez devesse acompanhá-los. Mais ajuda seria sempre útil. Levou uma mão ao pescoço, pensando em montar o cavalo. Os seus dedos estavam vermelhos quando os retirou. Sangrava outra vez.

CAPÍTULO DOIS



As carroças alongavam-se sobre a planície diante de Tamsen Donner até onde a vista alcançava. Quem decidira chamar, pela primeira vez, “escunas da pradaria” às carroças dos pioneiros fora bastante inteligente. As coberturas de pano pareciam realmente velas de navios, de um branco vivo sob o Sol intenso da manhã. E as grossas nuvens de pó erguidas pelas rodas das carroças quase poderiam ser confundidas com ondas que acompanhavam a progressão das suas embarcações em miniatura pelo mar desértico.

A maioria dos pioneiros caminhava em vez de viajar nas carroças, poupando aos bois o peso acrescido e seguindo pelos campos de cada lado do trilho para escaparem ao pior do pó. O resto do gado — vacas leiteiras e para sustento, cabras e ovelhas — seguia também pela pastagem, conduzido por rapazes e raparigas armados com vergastas e com os cães das famílias mantendo na ordem os animais retardatários.

Tamsen gostava de andar. Dava-lhe tempo para procurar ervas e plantas de que precisava para os seus remédios. Mil-folhas para a febre. Casca de salgueiro para a dor de cabeça. Registava a flora que encontrava num diário, prendendo amostras de plantas desconhecidas entre as páginas para estudo ou experimentação.

Além disso, caminhar permitia aos homens admirarem-lhe as formas. De que servia ter o aspeto que tinha se fosse tudo para desperdiçar?

E havia mais uma coisa. Quando passava o dia inteiro confinada à carroça, começava a sentir aquela inquietude feroz e descontente crescer

dentro dela como um animal enjaulado, como costumava acontecer-lhe em casa. Ao relento, pelo menos, a besta, a *infelicidade*, podia vaguear e dar-lhe espaço para respirar e pensar.

Naquela manhã, porém, não tardou a arrepender-se da decisão. Betsy Donner, que tinha casado com o irmão mais novo de George, avançava na sua direção. Não que *odiasse* Betsy, mas também não gostava dela. Era tão pouco sofisticada como uma rapariga de catorze anos, não se parecendo nada com as amigas que Tamsen tivera na Carolina antes de casar com George: as outras mestras de escola, sobretudo Isabel Topp, a criada de Isabel, Hattie, que lhe ensinara que plantas usar para curas, a mulher do pastor, que sabia ler latim. Tamsen sentia saudades de todas.

Esse era o maior problema. Tinham passado mês e meio no trilho e Tamsen sentia-se agitada. Imaginara que, quanto mais avançassem para oeste, mais livre se sentiria. Não previu aquela sensação de aprisionamento. Houvera distrações nas primeiras semanas: a novidade de viver numa carroça e de acampar sob as estrelas à noite. Entreter as crianças durante o dia na viagem interminável, inventando brincadeiras, transformando jogos em lições. Começara como uma aventura, mas, naquele momento, só pensava em como se tornara cansativo e no que tinham deixado para trás.

No que *ela* tinha deixado para trás.

Pensava em como a insistência sombria da carência ia crescendo com a distância em vez de esmorecer.

Tamsen opôs-se à mudança para oeste desde o início. Mas George deixou claro que seria ele a tomar todas as decisões acerca da subsistência da família. Tinha-a procurado como proprietário de uma grande exploração agrícola. Dezenas de hectares cultivados e uma manada de gado. «Nasci para ser próspero. Deixa que seja eu a gerir o negócio familiar e nunca te faltará nada», prometera-lhe. A sua confiança era apelativa. Estava sozinha e cansada de se valer a si mesma depois de o seu marido morrer de varíola. Convenceu-se de que aprenderia a amá-lo com o tempo. Tinha de o fazer.

Era a única forma de bloquear o que estava errado no seu coração. O que faltava.

E, além disso, sentisse o que sentisse, sabia que poderia sempre confiar em Jory. O seu irmão achara que George era ideal para ela e sentira-se inclinada a acreditar nele. Forçara-se a acreditar.

Depois disso, George procurou-a com a ideia da mudança para a Califórnia. «É a terra da oportunidade», disse, depois de ler livros escritos por colonos que tinham feito a viagem. «Seremos ricos além dos nossos

sonhos mais delirantes. Poderemos comprar centenas de hectares lá, muito mais do que conseguiríamos comprar no Illinois. Fundaremos o nosso próprio império e deixá-lo-emos aos nossos filhos.» Convenceu o seu irmão Jacob a acompanhá-lo com descrições grandiosas. Quando Tamsen o questionou sobre rumores que tinha ouvido de problemas na Califórnia (Não havia já mexicanos a viver lá? Não entregariam as suas terras. E que conversa era aquela de uma guerra próxima com o México, semelhante ao que acontecera no Texas?), retirou importância às suas perguntas. «Os americanos mudam-se para a Califórnia aos magotes», argumentou. «O governo não deixaria que partissem se fosse perigoso.» Como prova, tinha mesmo puxado pelo seu livro preferido, *O Guia dos Emigrantes do Oregon e Califórnia*, escrito por Lansford Warren Hastings, um advogado que tinha feito a viagem. E, apesar de ter muitas mais perguntas, parte dela desejava sentir a mesma esperança que ele sentia... Esperança de que talvez as coisas fossem melhores na Califórnia.

Mas, até ali, tinha estado presa numa viagem interminável, rodeada apenas pelas pessoas de quem menos gostava. A família do seu marido.

— Bom-dia, Betsy — disse enquanto a cunhada se aproximava, forçando um sorriso. As mulheres eram sempre obrigadas a sorrir. Tamsen dominara tão bem a arte que, por vezes, isso a assustava.

— Bom-dia, Tamsen. — Betsy era uma mulher quadrada, de ombros e ancas largos e com um tronco anafado que nenhum espartilho conseguiria conter. — Ouviste as notícias? Um rapaz desapareceu da caravana.

Tamsen não se surpreendeu. A caravana tinha já sofrido infortúnio após infortúnio. Todos eles indícios para quem soubesse como interpretá-los. Na semana anterior, abrira um barril de farinha e descobrira que estava infestado com gorgulho. Precisou de o deitar fora, claro. Uma perda cara. Na noite seguinte, uma mulher, Philippine Keseberg, a jovem esposa de um dos homens menos recomendáveis na caravana, tinha parido um nado-morto. Com um esgar, Tamsen recordou como a escuridão da pradaria parecera engolir os gritos da mulher, suspendendo-os no ar à sua volta.

Depois, os lobos começaram a segui-los. Destruíram a provisão inteira de carne seca de uma família e tinham mesmo levado um bezerro recém-nascido a bramar, desesperado.

E, agora, o rapaz desaparecera.

— Os lobos — disse Tamsen. Não pretendia ligar os dois incidentes, mas não conseguiu evitar.

Betsy levou a mão à boca. Era um dos seus muitos tiques teatrais.

— Mas havia outras crianças a dormir na tenda — disse. — Não teriam acordado...?

— Quem sabe?

Betsy abanou a cabeça.

— Podem ter sido os índios, claro. Ouvi histórias de índios que levaram crianças brancas quando atacaram povoados...

— Santo Deus, Betsy. Viste algum índio nos últimos trinta quilómetros?

— Então o que aconteceu ao rapaz?

Tamsen limitou-se a abanar a cabeça. Aconteciam coisas terríveis às crianças e às mulheres com frequência, nas suas próprias casas, às mãos de pessoas conhecidas, pessoas que se julgava serem dignas de confiança. Como se isso não fosse suficientemente mau, ali estavam, vivendo com centenas de desconhecidos. O mais provável era que pelo menos um deles fosse culpado de pecados terríveis.

Mas ela não sucumbiria à tragédia se pudesse evitá-lo. Tinha meios, limitados como fossem: feitiços, talismãs, formas de persuadir o mal a passar diante da sua porta.

Infelizmente, não eram capazes de afastar o mal *interior*.

Por perto, um homem que Tamsen reconheceu como sendo Charles Stanton encaminhava gado com uma verdasca. Mais jovem que George, Stanton parecia alguém que tinha passado os seus dias a trabalhar arduamente nos campos e não numa loja algures. Ergueu o olhar e surpreendeu Tamsen a observá-lo. Tamsen apressou-se a afastar os olhos.

— A verdade será muito pior do que poderemos imaginar — disse Tamsen, sentindo algum agrado pela forma como Betsy a fitava, chocada.

— Onde estão as tuas raparigas hoje? Só vejo três — disse Betsy. A sua voz enchia-se de agitação súbita.

Habitualmente, Tamsen fazia as filhas caminharem durante a primeira metade do dia, esperando mantê-las esguias e em forma. A beleza podia ser problemática para uma rapariga, mas era uma das poucas armas ao alcance de uma mulher adulta e queria que preservassem a sua, se conseguissem. As mais velhas, Elitha e Leanne, filhas da segunda mulher de George, zelavam pelas mais novas: Frances, Georgia e Eliza. Mas, naquele dia, só as adolescentes seguiam à frente, com Frances correndo à sua volta como uma vitela travessa, cheia de energia e feliz por ter a atenção das duas raparigas só para si. Os sete rapazes e raparigas de Betsy estavam a alguma distância à sua frente, com as cabeças baixas, avançando juntos, tão impassíveis como bois.

— Não te apoquentes. Georgia e Eliza estão na carroça — disse Tamsen. — Acordaram com febre esta manhã e estavam rabugentas. Pensei que seria melhor deixar que descansassem.

— Sim. Os pequenos cansam-se tão facilmente.

Por vezes, Tamsen sentia-se surpreendida por pensar que era mãe. Não lhe parecia possível que ela e George estivessem casados há tempo suficiente para terem gerado três crianças. As suas bebés eram encantadoras, parecidas com ela em criança, graças a Deus. Elitha e Leanne, por outro lado, tinham saído ao pai: de ossos largos e com uma cara ligeiramente equina.

Mas não se arrependia da maternidade. Talvez fosse uma das poucas coisas de que não se arrependia. Orgulhava-se das suas raparigas, na verdade. Tinha-lhes posto mel nas línguas quando eram bebés, como a criada índia no lar de infância de Tamsen lhe tinha ensinado, para que crescessem doces. Tinha feito tranças de abeto balsâmico, enfiando-lhas entre os cobertores para que crescessem fortes.

Teriam sempre opções. Nunca seriam forçadas a casar, como lhe acontecera não uma, mas duas vezes.

Porém, Tamsen tinha uma forma de “acertar as contas”, como muitos diriam.

Stanton voltou a surpreender o olhar de Tamsen. Betsy seguira caminho para alcançar os seus filhos e, daquela vez, Tamsen não virou a cara até ele o fazer.

Estendeu a mão e deixou que as pontas dos dedos roçassem as flores silvestres em botão. Por um momento, pensou nas margaridas amarelas que salpicavam os vastos campos de trigo do seu irmão Jory, indomáveis e abundantes. Sabia que o seu lar estava à sua frente e não atrás, que devia banir da cabeça as memórias da quinta de Jory e todos os pensamentos sobre a sua vida anterior, mas não conseguia fazê-lo naquele momento.

As flores curvaram-se e afastaram-se sob o seu toque, tão delicadas que quase lhe faziam cócegas.

CAPÍTULO TRÊS



Mary Graves ajoelhou-se na erva e pousou a sua tina de metal junto ao rio. Era um trecho pacífico do Platte do Norte, lento e gentil, mas talvez fosse porque o verão já lhe tinha roubado uma parte do volume. A terra em redor ostentava todas as marcas da seca vindoura.

Lavar a roupa para a numerosa família Graves era uma das muitas tarefas de Mary. Doze pessoas (a sua mãe e pai, cinco irmãs e três irmãos, e também o marido da sua irmã mais velha, Sarah) implicavam muita roupa e lençóis sujos e Mary preferia lavar um pouco de roupa todas as tardes em vez de a deixar acumular-se. Era um dos poucos momentos em que podia ficar sozinha. Parecia-lhe que passava o seu dia inteiro acompanhada pela família: cuidando dos irmãos mais novos, preparando refeições lá fora com a mãe, sentada com a irmã junto à fogueira, remendando roupa. Do momento em que se levantava de manhã até se deitar no seu saco-cama, estava rodeada por um aglomerado de outras pessoas que a massacravam com vozes e necessidades, histórias e queixumes. Por vezes, fazia-a sentir que se encontrava constantemente num vendaval violento, soprada em todas as direções. Mesmo à distância, os risos estridentes e os gritos chegavam até ela vindos do acampamento.

Normalmente, fugia pelo puro prazer de ficar em silêncio, ouvindo apenas o som de ervas altas sopradas pela brisa. Naquela noite, porém, recordar as carroças alinhadas por perto não a incomodava tanto. O rapaz

desaparecido tinha-os assustado a todos e também a ela. Pobre Willem Nystrom. A sua família fazia parte do grupo original e, porque pouco se misturavam com os recém-chegados, Mary só o tinha visto de longe. Mas parecera-lhe um rapazinho doce, sempre a brincar e a rir, com seis anos e um cabelo tão louro que era quase branco. Os irmãos de Mary, Jonathan e Franklin Junior, tinham aproximadamente essa idade e sentiu um aperto na garganta ao pensar que um deles pudesse simplesmente desaparecer do acampamento. Era como um daqueles velhos contos de fadas sobre crianças raptadas subitamente para um submundo por espíritos furiosos.

Consolava-se com as fogueiras visíveis à distância. Os homens levavam o gado para a erva mais alta para pastarem até à noite, peando os cavalos para impedir que se afastassem demasiado. Inspeccionavam eixos e rodas à procura de marcas de uso e verificavam arreios para que tudo estivesse pronto para a jornada do dia seguinte. Havia crianças voltando para o acampamento com braços de lenha e acendalhas. Deixara os seus irmãos mais novos a desenharem uma roda no chão para um jogo de Raposa e Ganso. Todos se ocupavam da sua rotina, tanto quanto possível.

Mary tinha acabado de começar a esfregar a primeira peça de roupa, a camisa do seu irmão William, enrijecida com suor seco, quando viu duas jovens, Harriet Pike e Elitha Donner, aproximando-se dela pela erva alta, trazendo tinas de roupa. Com um alívio que a surpreendeu, Mary acenou-lhes.

— Boa-tarde, Mary — disse Harriet, mecanicamente. Mary tinha aproximadamente a mesma idade de Harriet, mas mal se conheciam. Achava que Harriet se comportava como se fosse mais velha do que os seus vinte anos, o que atribuía ao facto de ser já casada e ter filhos. Era estranho vê-la com Elitha Donner, que, além de ser sete ou oito anos mais nova, a maioria das pessoas dizia que se comportava como se fosse ainda mais nova.

— Chegaram mesmo a tempo — disse Mary, tentando parecer animada. — Anoitece depressa.

Harriet olhou longamente para Elitha de soslaio enquanto separava a roupa.

— Não foi por escolha minha. Não planeava lavar roupa esta noite, mas Elitha suplicou-me que viesse com ela. Teve medo de vir sozinha.

Elitha não disse nada enquanto esfregava roupa na água rasa, mas tinha os ombros encolhidos quase até às orelhas. Elitha Donner estava nervosa, fazendo lembrar um cavalo assustadiço.

— É verdade, Elitha? — perguntou Mary. — Por causa daquele rapaz? Não é motivo para ter vergonha. Acho que todos ficaram nervosos.

A rapariga limitou-se a abanar a cabeça e, por isso, Mary tentou outra vez.

— Então são os índios? — Mary sentia-se entusiasmada pela possibilidade de conhecer finalmente um índio. Tinham-nos visto à distância no dia em que entraram no Território Índio. Um grupo de pawnee observara serenamente enquanto a caravana deambulava por um vale. Mas não se tinham aproximado.

A maior parte das pessoas no grupo tinha medo dos índios, contando histórias de investidas contra gado e de crianças brancas capturadas, mas Mary não. Um dos colonos de Little Blue River tinha-lhe contado que, entre os pawnee, eram as mulheres quem mandava. Os homens caçavam e faziam a guerra, mas eram as mulheres que tomavam as decisões.

O conceito espantou-a.

— Não é dos índios que tenho medo — disse Elitha. Trabalhava rapidamente e mantinha os olhos fixos nas mãos, recusando erguê-los. Era óbvio que não pretendia passar ali um segundo mais do que o necessário.

— Tem medo de fantasmas — disse Harriet, suspirando. — Acha que este sítio está assombrado.

— Não disse isso — replicou Elitha. — Nunca disse que eram fantasmas. — Hesitou, movendo o olhar de Harriet para Mary. — O Sr. Bryant diz que...

Harriet fungou.

— É isso que te preocupa? Uma das histórias do Sr. Bryant? Devias saber que não deves dar-lhe ouvidos.

— Isso não é justo — disse Elitha. — É inteligente. Tu própria o disseste. Veio para aqui para escrever um livro sobre os índios. Diz que lhe contaram que há espíritos por aí, espíritos das florestas, das montanhas e dos rios.

— Oh, Elitha. Não lighes à conversa do Sr. Bryant — disse Mary. Não sabia o que pensar acerca dele. Sabia muitas coisas. Isso era óbvio. E tinha-se provado suficientemente capaz ao tratar a perna de Billy Murphy quando este fora atirado do cavalo e a partira. Mas havia algo de desconcertante na forma como parecia vaguear entre eles com a atenção focada noutro sítio qualquer, como se estivesse sempre atento a uma voz que só ele conseguia ouvir.

— Mas ouvi-os. — Elitha franziu a testa. — Ouvi-os chamarem-me, à noite. Tu não?

— Ouviste-os chamarem-te? — perguntou Mary.

— É muito impressionável. A madrasta deixa-a ler romances. Aquelas histórias todas deixaram-na assustadiça — disse Harriet a Mary sobre a cabeça baixa de Elitha.

Mary sentiu uma pontada de irritação. Conhecera muitas mulheres como Harriet ao longo dos anos, mulheres cujas caras pareciam ter sido comprimidas entre as páginas de uma Bíblia.

Estendeu a mão para acariciar a de Elitha.

— De certeza que não foi nada. Talvez tenhas ouvido pessoas a falar na tenda ao lado.

— Não pareciam pessoas a falar. Não parecia nada disso. — Elitha mordeu o lábio inferior. — Parecia... alguém a sussurrar com voz aguda, mas era muito fraco, como se o vento levasse as palavras para longe. Foi estranho. E triste. Foi a coisa mais assustadora que alguma vez ouvi.

Mary sentiu um arrepio na espinha. Também ela tinha ouvido coisas estranhas durante a noite desde que tinham começado a acompanhar o Platte do Norte, mas, sempre que acontecia, dizia a si mesma que imaginava coisas. O grito de algum animal que nunca tivesse ouvido ou o vento soprando por um desfiladeiro vazio. Os sons ecoavam de modo diferente por espaços abertos.

— Estás a deixar a imaginação levar a melhor — disse Harriet. — Acho que devias ter cuidado e não andares por aí a falar de espíritos, de índios e de coisas dessas. As pessoas podem começar a pensar que tens inclinações pagãs como o Sr. Bryant.

— Poupa-me, Harriet — disse Mary.

Harriet não se deixou demover.

— Poderá haver agora mesmo um homem nesta caravana que te tem debaixo de olho, mas não quererá casar contigo se achar que és uma rapariga tonta e assustadiça.

Mary torceu a última peça de roupa, imaginando que era o pescoço de Harriet. A seguir, largou-a na tina para levar tudo para a carroça.

— Só tem treze anos — disse, tentando manter um tom ligeiro. — É um pouco nova para se preocupar com o casamento, não achas?

Harriet pareceu ofendida.

— Não, não acho. Tinha catorze anos quando casei. — A seguir, olhou para Mary com um sorriso frio. — E tu? Alguma vez tiveste um namorado? Parece-me estranho que ainda não tenhas casado.

— Estive noiva não há muito tempo — disse Mary secamente, passando as mãos por água. — Mas morreu de repente antes de casarmos.

— Que triste — murmurou Elitha.

— O destino pode pregar-nos partidas — disse Mary, tão alegremente quanto conseguia. — Não temos maneira de saber o que a vida nos reserva.

Harriet voltou a erguer-se, fitando-as de cima a baixo.

— Surpreendes-me, Mary. És uma boa cristã. Deus decide o que acontece nas nossas vidas de acordo com o Seu plano. Terá tido um motivo para te tirar esse homem.

As palavras não incomodaram Mary, mas Elitha abriu a boca de espanto.

— Não podes falar a sério, Harriet. Deus não seria tão cruel com Mary.

— Não digo que tenha sido culpa dela — disse Harriet, mesmo que o seu tom parecesse discordar. — Digo que estas coisas não são aleatórias. Deus dizia a Mary que o casamento não estava fadado.

Mary mordeu a língua. Harriet desfrutava da sua crueldade, mas tinha razão num aspeto. Mary nunca admitiria a ninguém, certamente não aos seus pais, mas soube no seu coração que não estava preparada para casar. Sarah, a sua irmã, de bom grado teria casado com Jay Fosdick aos dezanove anos, mas Mary não era como a sua irmã mais velha, um facto que se tornava mais aparente com cada dia que passava. Quando o seu pai anunciou que se mudariam para a Califórnia, sentiu-se secretamente em êxtase. Estava cansada da pequena cidade em que tinha vivido desde que nascera, onde todos conheciam as origens humildes da sua família e o facto de terem queimado bosta de vaca para poderem vender a lenha até as plantações começarem a gerar colheitas melhores. As pessoas esperavam sempre que fosse exatamente como pensavam que era e nunca a deixavam ser mais que isso. Era como tentar andar em frente e descobrir que se tinha a cabeça presa.

Quando o seu noivo morreu, o que mais sentiu foi alívio, mesmo que se envergonhasse enormemente disso. Sabia que o seu pai tinha apostado tudo no seu casamento combinado e nas circunstâncias mais favoráveis que permitiria a todos eles.

O casamento da sua irmã foi pragmático, mas também um casamento por amor. Sabia que Franklin Graves sempre tivera outros planos para Mary. Sempre imaginara que seria ela a conseguir o tipo de união proveitosa que os salvaria a todos. Não conseguia contar o número de vezes que lhe tinha dito que era a sua única esperança.

Também não conseguia contar as muitas vezes que tinha desejado que tivesse sido Sarah a nascer mais bonita e não ela. Que fosse sobre os seus ombros que repousasse a confiança dos outros.

Harriet apoiou a tina de roupa na anca.

— Deus tem um plano especial para cada um de nós e não nos cabe questionar a sabedoria do que faz. O nosso papel é apenas ouvir e obedecer. Vou regressar ao acampamento. Vens comigo, Elitha?

Elitha abanou a cabeça.

— Ainda não acabei.

Mary pousou uma mão no braço de Elitha.

— Não te preocupes. Espero por ti e podemos voltar juntas.

— Muito bem — disse Harriet sobre o ombro enquanto se punha a caminho. — O jantar não se faz sozinho.

Elitha esperou até Harriet se afastar o suficiente para não a ouvir.

— Não te importas que fale disto contigo, pois não, Mary? — Os seus olhos estavam subitamente arregalados. — Porque tenho de contar a alguém. Não foram as vozes a assustar-me, como disse. — Olhou furtivamente sobre o ombro. — Sempre foi assim comigo. Tamsen diz que tenho uma sensibilidade... Ao mundo dos espíritos, é a isso que se refere. Essas coisas interessam-lhe. Pediu a uma mulher em Springfield que lhe lesse a sina na palma da mão. E também lhe deitou cartas. Essa mulher disse-lhe que os espíritos gostavam de mim. Que achavam fácil falar comigo.

Mary hesitou. A seguir, pegou na mão de Elitha, que a água tornara fria.

— Está tudo bem. Podes contar-me. Aconteceu alguma coisa?

Elitha acenou lentamente com a cabeça.

— Há dois dias, quando passámos por aquela cabana de caçador abandonada.

— Em Ash Hollow? — perguntou Mary. Ainda conseguia visualizar o minúsculo casebre improvisado, com tábuas embranquecidas como osso pelo sol implacável da pradaria. Um sítio triste e solitário, como a quinta abandonada pela qual passava todos os domingos a caminho da igreja. Quase destruída pelos elementos, com as janelas escuras vazias como as órbitas de um crânio, uma recordação cruel do falhanço de outra família. «Que seja uma lição», disse-lhe o seu pai, certa vez, enquanto passavam lentamente por ela na carroça, não muitos anos depois de também eles terem estado prestes a perder tudo. «Só a graça de Deus impede que sejamos nós.»

O mundo era frágil. Num dia, prosperidade. No dia seguinte, lenha para a fogueira.

Elitha fechou os olhos com força.

— Sim. Em Ash Hollow. Entraste?

Mary abanou a cabeça.

— Estava cheia de cartas. Centenas delas. Empilhadas sobre uma mesa, com uma pedra por cima. O Sr. Bryant contou-me que pioneiros as deixaram para que o viajante seguinte para leste as levasse até ao primeiro posto de correios que encontrasse. — Elitha olhou para Mary com incerteza. — Achar-me-ias má se te dissesse que li algumas delas?

— Mas não eram para ti, Elitha.

Elitha corou.

— Achei que não faria mal a ninguém. Seria como ler histórias. A maior parte das cartas não estavam fechadas. Apenas dobradas e postas sobre a mesa. Quem as escreveu teria de saber que *qualquer* pessoa poderia lê-las. Mas não eram realmente cartas.

Mary pestanejou, sem perceber. Olhou para Elitha agachada diante dela, pálida como a Lua nascente.

— Que queres dizer com isso?

— Não tinham destinatário — disse Elitha. A sua voz ficou reduzida a um sussurro. — E não tinham notícias... Abri carta atrás de carta e todas diziam a mesma coisa, uma e outra vez.

— Continuo sem perceber. — Mary sentia-se como se uma aranha lhe subisse e descesse pela espinha. — Se não eram cartas, o que eram?

Elitha enfiou uma mão atabalhoada no bolso do avental. Retirou um pequeno papel dobrado e passou-o a Mary.

— Guardei uma. Achei que devia mostrá-la a alguém, mas ainda não o fiz. Não sabia a quem a mostrar. Ninguém acreditaria em mim. Talvez achassem que fui eu a escrevê-la para chamar a atenção. Mas não fui eu, Mary. Não fui.

Mary aceitou o papel. Estava quebradiço e frágil pelos muitos dias passados no calor. Desdobrou-o com cuidado, receando que se desfizesse nas suas mãos. A tinta tinha-se esbatido, como se as palavras tivessem sido escritas muito tempo antes, mas não lhe custou percebê-las.

«Voltem para trás», dizia a caligrafia tremida. «Voltem para trás ou morrerão todos.»